



## **METODOLOGIAS ATIVAS E ENSINO DE GEOGRAFIA: segregação socioespacial, mobilidade e acessibilidade no cotidiano escolar**

*Active Methodologies and Geography Teaching: Socio-spatial Segregation, Mobility, and Accessibility in Everyday School Life*

*Metodologías activas y enseñanza de la geografía: segregación socioespacial, movilidad y accesibilidad en la vida escolar cotidiana.*

Francisca Enyvládia Rodrigues de Lima   
Universidade Estadual do Ceará  
[enyvladia.lima@aluno.uece.br](mailto:enyvladia.lima@aluno.uece.br)

David Emanuel Madeira Davim   
Universidade Estadual do Ceará  
[david.davim@uece.br](mailto:david.davim@uece.br)

### **RESUMO**

O espaço geográfico constitui uma construção social dinâmica que reflete desigualdades estruturais, mas também processos de resistência territorial. Esta pesquisa toma como recorte espacial o bairro Pedras, situado na periferia de Fortaleza-CE, região marcada por um crescimento urbano acelerado e pela persistente carência de políticas públicas de mobilidade. O objetivo central é compreender como o uso de metodologias ativas, da cartografia colaborativa, de trabalhos de campo e da investigação territorial contribuem para a leitura crítica das dinâmicas socioespaciais cotidianas. A metodologia, de cunho qualitativo e participativo, incluiu revisão bibliográfica, registros fotográficos e atividades práticas realizadas com estudantes do 6º ano da Escola Municipal Francisca Oriá Serpa. Durante o percurso investigativo, os discentes mapearam obstáculos severos à acessibilidade, como a ausência de pavimentação regulamentar e a precariedade do sistema de transporte coletivo, integrando de forma efetiva a teoria geográfica à vivência local. Os resultados indicam que as deficiências gritantes de infraestrutura urbana reforçam a segregação socioespacial e cerceiam o direito fundamental à cidade. Conclui-se que o emprego de estratégias ativas no ensino de Geografia potencializa o protagonismo discente e a construção coletiva do conhecimento, consolidando a disciplina como instrumento de reflexão e transformação socioespacial. Tal abordagem revela-se essencial para a formação de sujeitos conscientes e engajados na busca por territórios mais justos, democráticos e inclusivos.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar. Mobilidade Urbana. Segregação Socioespacial. Metodologias Ativas. Bairro Pedras (Fortaleza-CE).

### **ABSTRACT**

Geographical space is a dynamic social construction that reflects structural inequalities as well as processes of territorial resistance. This research focuses on the Pedras neighborhood, located on the outskirts of Fortaleza-CE, a region characterized by accelerated urban growth and a persistent lack of public mobility policies. The central objective is to understand how the use of active methodologies, collaborative cartography, fieldwork, and territorial investigation contributes to a critical reading of everyday socio-spatial dynamics. The methodology, qualitative and participatory in nature, included a literature review, photographic records, and

practical activities conducted with 6th-grade students from the Francisca Oriá Serpa Municipal School. During the investigative process, students mapped severe obstacles to accessibility, such as the absence of proper paving and the precariousness of the public transport system, effectively integrating geographical theory with local experience. The results indicate that glaring deficiencies in urban infrastructure reinforce socio-spatial segregation and curtail the fundamental right to the city. It is concluded that the employment of active strategies in Geography teaching enhances student protagonism and the collective construction of knowledge, consolidating the discipline as an instrument for reflection and socio-spatial transformation. Such an approach proves essential for the formation of conscious subjects engaged in the pursuit of more just, democratic, and inclusive territories.

**Keywords:** Geography Education. Urban Mobility. Socio-spatial Segregation. Active Methodologies. Pedras Neighborhood (Fortaleza-CE).

### RESUMEN

El espacio geográfico constituye una construcción social dinámica que refleja desigualdades estructurales, así como procesos de resistencia territorial. Esta investigación toma como recorte espacial el barrio Pedras, situado en la periferia de Fortaleza-CE, una región marcada por un crecimiento urbano acelerado y por la persistente carencia de políticas públicas de movilidad. El objetivo central es comprender cómo el uso de metodologías activas, la cartografía colaborativa, los trabajos de campo y la investigación territorial contribuyen a una lectura crítica de las dinámicas socioespaciales cotidianas. La metodología, de carácter cualitativo y participativo, incluyó revisión bibliográfica, registros fotográficos y actividades prácticas realizadas con estudiantes de sexto grado de la Escuela Municipal Francisca Oriá Serpa. Durante el proceso investigativo, los discentes mapearon obstáculos severos a la accesibilidad, como la ausencia de pavimentación reglamentaria y la precariedad del sistema de transporte colectivo, integrando de forma efectiva la teoría geográfica con la vivencia local. Los resultados indican que las deficiencias flagrantes de infraestructura urbana refuerzan la segregación socioespacial y restringen el derecho fundamental a la ciudad. Se concluye que el empleo de estrategias activas en la enseñanza de la Geografía potencia el protagonismo discente y la construcción colectiva del conocimiento, consolidando la disciplina como un instrumento de reflexión y transformación socioespacial. Tal enfoque resulta esencial para la formación de sujetos conscientes y comprometidos en la búsqueda de territorios más justos, democráticos e inclusivos.

**Palabras clave:** Geografía Escolar. Movilidad Urbana. Segregación Socioespacial. Metodologías Activas. Barrio Pedras (Fortaleza-CE).

## 1 INTRODUÇÃO: O PROBLEMA E O LUGAR

A origem da palavra mobilidade vem do latim *mobilitas*, que se refere à qualidade do que é móvel ou à capacidade de se movimentar. De acordo com Vasconcellos (1996), a mobilidade é uma característica própria das pessoas e dos objetos, variando conforme a necessidade de cada um e sendo influenciada por condições físicas e sociais. No entanto, para que o movimento aconteça de fato, ele depende diretamente da acessibilidade, o que torna necessário diferenciar bem esses dois conceitos.

Enquanto a mobilidade trata da capacidade e do potencial das pessoas em se deslocarem pelo espaço, envolvendo os meios de transporte, os caminhos e o fluxo do dia a dia, a acessibilidade foca nas condições do ambiente que facilitam ou dificultam esse deslocamento. Nesse sentido, a acessibilidade é definida pela qualidade das calçadas e ruas, pela eficiência do transporte público e pela estrutura da cidade. Ela funciona, portanto, como o elemento prático que garante ou limita o direito fundamental de ir e vir.

A mobilidade urbana é um dos principais elementos para compreender as relações entre a cidade e o cotidiano das pessoas. Uma vez que revela como os diferentes grupos sociais acessam bens, serviços e oportunidades no espaço urbano, refletindo desigualdades e condições de vida.

Conforme Vasconcellos (2016), a mobilidade urbana diz respeito aos deslocamentos diários que as pessoas realizam para atender às atividades rotineiras: ir ao trabalho, à escola, ao mercado ou a outros espaços de uso frequente. Caracteriza-se pela regularidade, curta distância e repetição, sendo essencial para o funcionamento da vida urbana e para a organização do tempo e do espaço. Envolve o uso de diferentes meios de transporte, como o transporte público, a bicicleta, o automóvel ou o deslocamento a pé, e constitui um elemento fundamental para a satisfação das necessidades individuais e coletivas da sociedade.

A mobilidade cotidiana, enquanto dimensão intrínseca da mobilidade urbana, mantém estreita interdependência com a segregação socioespacial, refletindo as desigualdades econômicas e estruturais que caracterizam as cidades brasileiras. Conforme postula Vasconcellos (2016), a correlação entre mobilidade, segregação e exclusão reside na maneira como os padrões de deslocamento condicionam o acesso aos recursos e oportunidades da cidade. Nesse cenário, a mobilidade atua como um mediador fundamental, determinando os níveis de inclusão ou marginalização social dos sujeitos no território.

Quando a mobilidade cotidiana é limitada devido a desigualdades na infraestrutura, transporte ou localização residencial, isso pode contribuir para a segregação urbana, onde determinados grupos ficam confinados a certos espaços devido à dificuldade de deslocamento. Assim, como destacam Santos (2002), Villaça (2001) e Sposito (2013), a urbanização desigual e a precariedade da mobilidade contribuem para a reprodução das desigualdades socioespaciais nas metrópoles do

país.

Os problemas de mobilidade devem se tratar no plural, pois atinge igualmente a todos na cidade, desde o setor produtivo, a circulação de mercadorias, passando pelas classes médias presas em engarrafamentos, até as classes menos favorecidas que passam verdadeiro sufoco em conduções lotada de todos os dias (Scifone 2016, p.24).

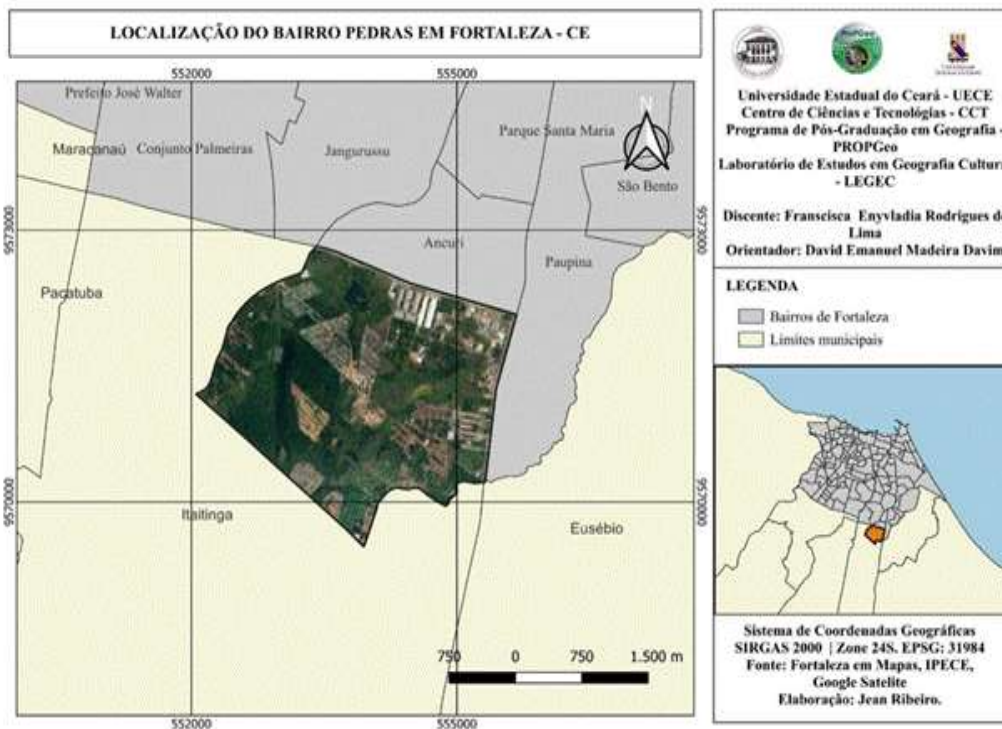
A falta de mobilidade adequada impõe barreiras físicas e socioeconômicas que dificultam o acesso a serviços essenciais, como educação, saúde e cultura, comprometendo a qualidade de vida da população e aprofundando as desigualdades urbanas. O transporte, nesse contexto, figura como um dos principais fatores estruturantes dessa problemática.

Essa realidade se evidencia no bairro Pedras, na zona sudeste de Fortaleza-CE, recorte espacial desta pesquisa, que enfrenta desafios de mobilidade. Com apenas duas vias principais, a Avenida Dionísio Leonel de Alencar, conectada ao Anel Viário, e a Rua Raimundo Matias, que dá acesso à BR-116, o bairro depende de rodovias, em que o principal uso é destinado ao escoamento de mercadorias, e não às demandas da população local, incluindo os estudantes da Escola Municipal Francisca Oriá Serpa.

As vias secundárias, em geral, não dispõem de pavimentação e apresentam iluminação precária. Esses fatores contribuem para potencializar os riscos à segurança. Outro elemento que ocasiona transtornos à população são os congestionamentos frequentes nas saídas oficiais, que podem durar até duas horas, evidenciam a falta de rotas alternativas e a fragilidade do sistema de transporte público.

A limitada mobilidade urbana e as poucas opções de acesso ao bairro Pedras dificultam a vida dos moradores e reforçam a exclusão social. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro é de 0,499 (IPPLAN, 2025), considerado muito baixo, e estudos de Araújo e Lima (2022) apontam um valor ainda menor, de 0,264, evidenciando fortes desigualdades socioeconômicas.

**Figura 01** – Município de Fortaleza com destaque para o bairro Pedras



**Fonte:** elaborado pela autora, 2025.

A análise dos indicadores sociais evidencia contrastes nas condições de vida do bairro Pedras. O baixo índice de longevidade (0,38) revela carências associadas à saúde, ao saneamento e ao acesso a serviços básicos, enquanto o índice de educação (0,88) indica avanços na escolarização. Apesar desse progresso, a reduzida presença de idosos com mais de 70 anos e a renda média de apenas 1,2 salário-mínimo por pessoa expõem a permanência da pobreza, da vulnerabilidade social e das limitações no acesso a bens e serviços essenciais.

Essas desigualdades se refletem na mobilidade e na acessibilidade da população local, aspectos que afetam de modo particular o cotidiano dos estudantes da Escola Municipal Francisca Oriá Serpa. De acordo com Vasconcellos (2000), a acessibilidade expressa a eficiência de um sistema de transporte, medida pela variedade e pela quantidade de destinos que uma pessoa consegue alcançar, condição que, evidentemente, não se verifica no bairro Pedras.

Nesse contexto, o ensino de Geografia, ao adotar metodologias ativas como a cartografia colaborativa e as aulas de campo, torna-se uma ferramenta fundamental para que os alunos compreendam essas desigualdades e desenvolvam uma leitura crítica do espaço onde vivem, articulando o conhecimento escolar à realidade cotidiana.

A educação geográfica desempenha um papel essencial na formação de cidadãos críticos e engajados, pois possibilita compreender as relações entre a sociedade e o espaço vivido (Callai, 2017). Nesse sentido, o ensino de Geografia configura-se como uma ferramenta para estimular a reflexão sobre a formação do bairro, o reconhecimento do território e o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos alunos ao lugar onde vivem, como destaca Callai (2005, p. 228):

Ler o mundo da vida, ler os espaços e compreender que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade, dos homens em busca de sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da Geografia na escola.

Assim, ao possibilitar essa leitura crítica do espaço, o ensino de Geografia contribui para que os estudantes compreendam o território como uma construção coletiva, marcada por desigualdades, transformações e vivências cotidianas. Algumas práticas vivenciadas neste trabalho, como o registro fotográfico do entorno escolar, favoreceu o protagonismo discente e a aprendizagem significativa aproximando o conteúdo geográfico da realidade dos alunos, estimulando a observação, a análise crítica e o compromisso com a construção de um espaço urbano mais justo, acessível e inclusivo.

A essência das metodologias ativas está no protagonismo dos alunos e na construção de uma escola participativa e colaborativa, na qual se criam condições para o desenvolvimento integral dos estudantes. Trata-se de propor situações-problema e contextos reais que os levem a agir sobre a realidade, buscando soluções por meio da pesquisa, da comparação, do debate e da elaboração de ideias e projetos (Soares, 2021).

O objetivo geral deste estudo foi o de analisar como o uso de metodologias ativas no ensino de Geografia pode contribuir para a compreensão crítica da segregação socioespacial, da mobilidade e da acessibilidade no cotidiano escolar, promovendo aprendizagens significativas que aproximem os estudantes da realidade do território em que vivem.

## **2 REFERENCIAL TEORICO: O DIÁLOGO ENTRE CONCEITOS E**

## **PEDAGOGIA**

A compreensão do espaço geográfico como uma construção social dinâmica exige uma análise que perpassa as relações de poder e as desigualdades estruturais intrínsecas ao território. Sob a perspectiva crítica, o espaço urbano não é um mero receptáculo de objetos, mas um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que revelam as contradições do modo de produção capitalista. Nesse contexto, as periferias urbanas, como o bairro Pedras, materializam o que a literatura geográfica denomina como "rugosidades", onde o tempo histórico se sobrepõe ao espaço construído, expondo as cicatrizes de um planejamento urbano excludente e muitas vezes omissivo.

No cerne dessa discussão, a mobilidade urbana emerge como um elemento estruturante do direito à cidade e da justiça socioespacial. Conforme postula Vasconcellos (2016), a mobilidade transcende a funcionalidade técnica dos fluxos, configurando-se como um mediador essencial que determina as possibilidades de acesso aos recursos urbanos. Quando os padrões de deslocamento são marcados pela ineficiência e pela precariedade, a mobilidade converte-se em um vetor de segregação, aprofundando o hiato entre os centros providos de infraestrutura e as zonas periféricas, onde o cerceamento do direito ao transporte reflete diretamente na marginalização social dos sujeitos.

Dessa forma, a segregação socioespacial manifesta-se não apenas pela distância física, mas pelas barreiras simbólicas e materiais que limitam a experiência cotidiana. A interface entre mobilidade e exclusão urbana revela que a dificuldade de circulação impede a fruição plena de serviços básicos, como saúde, lazer e, prioritariamente, a educação. Esse fenômeno cria uma "geografia do isolamento", na qual a população vulnerável enfrenta obstáculos que transformam o ato de habitar em um exercício de resiliência, reafirmando a necessidade de políticas públicas que considerem a acessibilidade como uma premissa básica da cidadania.

Por fim, a transposição desses conceitos para o âmbito escolar encontra ancoragem na teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (1963). Para que a Geografia cumpra seu papel transformador, é imperativo que os novos saberes estabeleçam uma interação substantiva com os conhecimentos prévios e a realidade vivida pelos discentes. Ao tensionar as categorias de segregação e mobilidade a partir

do cotidiano escolar, o ensino de Geografia potencializa a consciência crítica, permitindo que os estudantes reconheçam as problemáticas do seu entorno não como fatalidades, mas como processos históricos passíveis de transformação social.

### **3 METODOLOGIA: O FAZER GEOGRÁFICO NA ESCOLA**

A pesquisa adotou o estudo de caso como metodologia principal, fundamentando-se em uma perspectiva crítica ancorada no materialismo histórico e dialético. O foco foi o bairro Pedras, situado na zona sudeste de Fortaleza (CE), analisando suas dinâmicas de mobilidade urbana, acessibilidade e segregação socioespacial.

O estudo teve caráter descritivo e participativo, envolvendo ativamente os estudantes dos 6º anos da Escola Municipal Francisca Oriá Serpa como sujeitos da pesquisa. As etapas metodológicas compreenderam diferentes momentos:

1. Aulas expositivas e dialogadas, nas quais foram discutidos conceitos fundamentais, como espaço urbano, segregação urbana, mobilidade urbana e acessibilidade, oferecendo a base teórica necessária para a compreensão crítica do território;
2. Observação participante, com acompanhamento do cotidiano escolar e dos deslocamentos dos estudantes;
3. Aula de campo no entorno da escola, voltada à identificação e análise prática dos obstáculos relacionados à mobilidade e à acessibilidade enfrentados pelos estudantes, inclusive aqueles que residem nas proximidades da instituição;
4. Registros fotográficos, realizados pelos próprios alunos durante a atividade de campo, revelando pontos críticos da infraestrutura urbana do bairro;
5. Sugestões de melhorias, produzidas pelos estudantes, estimulando o protagonismo estudantil e a construção coletiva do conhecimento.

Para fundamentar as discussões em sala, adotou-se o livro didático *Amplitude Geografia* (6º ano), de Axé Silva e Jurandyr Ross (2022). O projeto concentrou-se na Unidade 1, dedicada ao estudo de "Paisagens e Lugares", com ênfase no Capítulo 4, intitulado "Transformações das paisagens rurais e urbanas". A escolha deste material foi estratégica para que os estudantes compreendessem as dinâmicas de mudança

no próprio bairro onde vivem, permitindo uma leitura crítica sobre como a ação humana molda o território.

**Quadro 01** – As competências e habilidades trabalhadas no capítulo do livro

<b>Categoria</b>	<b>Referência</b>	<b>Descrição Resumida</b>
Competências Gerais	1, 4, 6, 7, 10	Focam no Conhecimento (1), na Comunicação (4), no Trabalho e Projeto de Vida (6), na Argumentação (7) e na Responsabilidade e Cidadania (10). O objetivo é formar um cidadão capaz de agir com autonomia e ética.
Comp. Específicas (Geografia)	1 a 6	Abrangem desde o raciocínio geográfico (entender o "onde" e o "porquê") até a análise da interação sociedade-natureza, o domínio da cartografia e a consciência socioambiental.
Habilidade Específica	EF06GE07	Explorar e analisar mudanças e permanências nas paisagens, comparando como diferentes povos e sociedades se relacionam com a natureza e transformam o espaço.

**Fonte:** Adaptado de SILVA, Axé; ROSS, Jurandyr L. S. **Amplitude Geografia: 6º ano**. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

Para além da revisão bibliográfica, as aulas expositivas e dialogadas permitiram ancorar os temas à realidade local, consolidando conceitos como espaço urbano, segregação socioespacial e mobilidade como mostra a figura 2 a seguir. Essa convergência entre o aporte teórico e a experiência cotidiana foi determinante para que os discentes do 6º ano reconhecessem as rugosidades e os entraves que marcam o território escolar.

**Figura 02** – Aula expositiva sobre os conceitos que foram trabalhados em campo.



**Fonte:** Elaborada pela autora, 2025.

A atividade de campo consolidou-se como o eixo central da análise dos problemas urbanos do bairro. Por meio da vivência prática, os estudantes puderam realizar observações diretas sobre as precariedades estruturais e sociais que permeiam seus trajetos diários. As imagens abaixo ilustram a aplicação dessa metodologia de pesquisa e os cenários identificados pelo grupo.

**Figuras 03 e 04** – Atividade de campo ao redor da escola



**Fonte:** Elaborada pela autora, 2025.

Além dessas etapas, a pesquisa aplicou questionários via plataforma *Google Forms* sobre a mobilidade urbana, instrumentos que permitiram identificar e representar as vivências dos estudantes no território. Tal abordagem metodológica reforça a importância de conferir protagonismo aos sujeitos da pesquisa, possibilitando que expressem suas percepções sobre o espaço vivido e os desafios cotidianos enfrentados no bairro Pedras, especialmente no que tange à mobilidade e à acessibilidade.

Nesse sentido, o ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental demanda metodologias que considerem a realidade local e acompanhem as dinâmicas transformações socioespaciais do ambiente urbano contemporâneo. Ao promover a convergência entre os conteúdos curriculares e o cotidiano discente, favorece-se uma aprendizagem contextualizada e, sobretudo, significativa.

Sob a ótica de Ausubel (1963), a aprendizagem significativa ocorre quando se estabelece uma interação não literal e não arbitrária entre os conhecimentos prévios

dos alunos e os novos saberes. No escopo desta investigação, tal articulação torna os conceitos de segregação socioespacial e mobilidade tangíveis, promovendo a ressignificação das experiências dos estudantes e fortalecendo uma compreensão crítica e engajada sobre o território em que habitam.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A VOZ DOS SUJEITOS**

A investigação realizada com o 6º ano "A" da Escola Municipal Francisca Oriá Serpa revelou que os discentes possuem uma percepção acurada sobre as contradições do espaço vivido. O itinerário pedagógico, composto por exposições dialogadas, aula de campo e registros documentais, instrumentalizou os estudantes para uma identificação crítica das carências infraestruturais do bairro Pedras. Mais do que catalogar ausências, como a falta de calçadas regulamentares ou a irregularidade do transporte público, os alunos apreenderam tais limitações como condicionantes sociais que restringem o pleno acesso à unidade escolar, aos serviços básicos e aos espaços de sociabilidade.

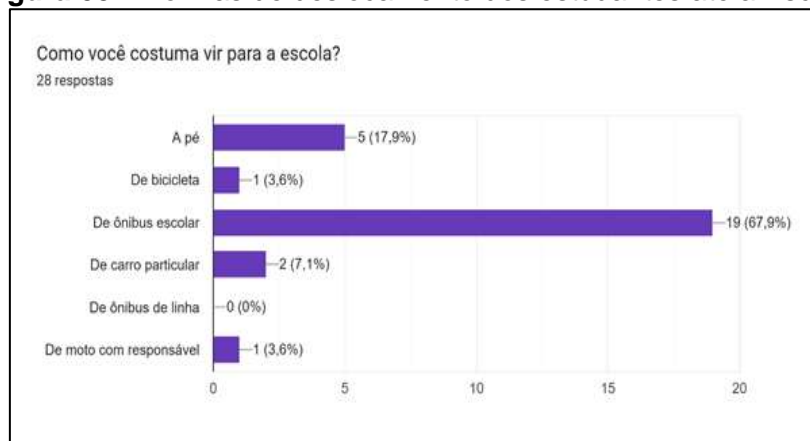
Durante a atividade de campo, o uso do registro fotográfico permitiu o mapeamento de pontos críticos no entorno escolar, onde a teoria geográfica encontrou materialidade. Complementarmente, os dados obtidos via formulários digitais revelaram que a maioria dos estudantes avalia o deslocamento pedestre como difícil ou perigoso. Ao traduzir as respostas em gráficos e tabelas, os números ganharam rosto: emergiu um sentimento coletivo de insegurança no trajeto casa-escola, exacerbado pela iluminação deficitária e pela má conservação dos logradouros. O que deveria ser um caminho de acolhimento revelou-se, nos relatos, como um percurso de resistência marcado pelo abandono do poder público.

A sistematização desses resultados em sala de aula fomentou um debate que transcendeu a identificação de "buracos ou postes apagados". Os estudantes passaram a compreender que as cicatrizes no asfalto e a inexistência de dispositivos de acessibilidade são reflexos visíveis de desigualdades socioespaciais historicamente consolidadas. Nesse momento, a Geografia Escolar cumpriu seu papel fundamental: deixou de ser o estudo abstrato do mapa para se tornar a decifração da própria realidade. A consciência sobre o direito de ocupar a cidade com dignidade transformou o olhar dos alunos, que passaram a interpretar as falhas técnicas como

negligências aos seus direitos de cidadania.

Sob essa ótica, a precariedade observada no bairro Pedras expõe uma segregação socioespacial profunda, na qual o investimento público parece ser ditado por privilégios geográficos. A ausência de uma estrutura mínima de mobilidade atinge de forma severa os corpos mais vulneráveis, como crianças, idosos e pessoas com deficiência, aprofundando a fragmentação urbana. Conclui-se que, ao excluir sistematicamente as periferias dos planos de infraestrutura, reforça-se um modelo de cidade desigual onde a dignidade da vida humana torna-se, injustamente, dependente do estrato socioeconômico e da localização residencial dos sujeitos.

**Figura 05 – Formas de deslocamento dos estudantes até a Escola**



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2025.

A sistematização dos dados revelou que a mobilidade dos estudantes da E.M. Francisca Oriá Serpa é predominantemente dependente do transporte público e da caminhada: 67,9% utilizam o ônibus escolar, enquanto 17,9% realizam o trajeto integralmente a pé.

Ao cruzarmos esses dados com o ITDP<sup>1</sup> Brasil (2020), com o Boletim MobilIDADOS em Foco percebemos que a realidade local ecoa um desafio nacional. O estudo evidencia que uma parcela significativa de crianças no ensino fundamental precisa caminhar mais de 15 minutos para acessar a escola pública, um tempo que excede o limite do que é considerado um deslocamento seguro e confortável. Para os

<sup>1</sup> Instituto de Políticas de Transportes e Desenvolvimento <https://itdpbrasil.org/boletim-7-mobilidados-cidades-inclusivas-e-acesso-as-escolas> 21/01/26.

nossos alunos, esse tempo de exposição às vias precárias do bairro Pedras não é apenas uma questão de distância, mas um obstáculo real que compromete o acesso eficiente e a segurança no direito fundamental à educação.

**Figura 06** – Frequência escolar afetada por dificuldades de acesso



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2025.

A análise quantitativa revela que: para 57,1% dos alunos pesquisados, a mobilidade urbana deficitária configura-se como um impeditivo ao acesso à educação. A recorrência de faltas escolares por limitações no trajeto comprova que a negligência estatal com o espaço urbano no bairro Pedras transcende a esfera da infraestrutura, manifestando-se como uma forma de exclusão social. O ato de deslocar-se para o estudo torna-se, portanto, uma variável que acentua o hiato educacional e reforça a vulnerabilidade desses sujeitos frente ao território.

**Figura 07** – Tempo médio de deslocamento do aluno até a Escola



**Fonte:** elaborado pela autora, 2025.

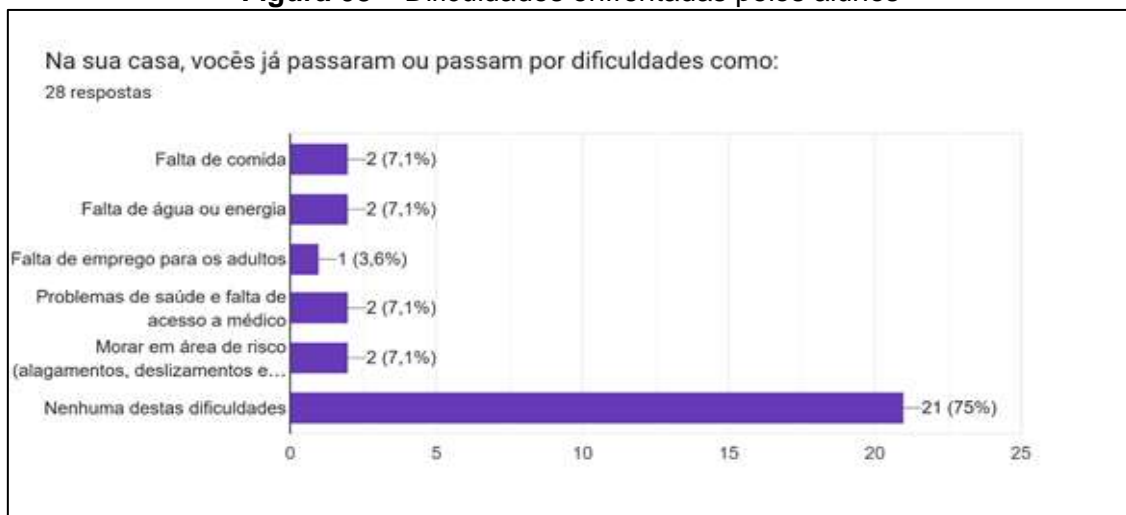
Os dados coletados revelam uma realidade preocupante no entorno da E.M. Francisca Oriá Serpa: para a maioria dos estudantes (64,3%), o trajeto até a escola

consome entre 10 e 30 minutos, enquanto uma parcela de 3,6% enfrenta deslocamentos que chegam a uma hora. Essa duração contrasta drasticamente com as recomendações do ITDP Brasil (2020), que estabelece o teto de 15 minutos como o tempo ideal para um acesso seguro, saudável e eficiente à educação.

A experiência de caminhar pelo bairro é marcada por uma sucessão de obstáculos físicos e sociais. Os relatos dos alunos descrevem um cenário de abandono, evidenciado por ruas esburacadas, ausência de calçadas e iluminação deficitária. Mesmo na rua da escola a Rua Jorge Figueiredo, a carência de infraestrutura básica é visível: a inexistência de semáforos e a falta de faixas de pedestres bem-sinalizadas tornam o trânsito um ambiente hostil e perigoso.

O impacto desses problemas ultrapassa o cansaço físico e atinge o direito fundamental ao aprendizado: 57,1% dos alunos já deixaram de frequentar a escola devido às dificuldades encontradas no trajeto. Esse dado é o reflexo mais severo da segregação socioespacial, onde a precariedade urbana atua como uma barreira que impede o acesso integral à cidadania e ao futuro desses jovens.

**Figura 08 – Dificuldades enfrentadas pelos alunos**



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2025.

O cenário sociodemográfico delineado pelo gráfico expõe as condições de materialidade dos lares dos 28 discentes participantes da pesquisa. Embora a maioria absoluta (75%) tenha declarado não vivenciar as privações listadas, o dado de maior relevância analítica reside no quartil restante (25%), cujas respostas descortinam as diversas dimensões da vulnerabilidade social no bairro Pedras.

Os indicadores revelam que a precariedade não se manifesta de forma homogênea, mas se fragmenta em diferentes carências básicas: a insegurança alimentar, a intermitência no acesso a serviços essenciais (água e energia elétrica), a barreira no acesso à saúde e a exposição a riscos ambientais (alagamentos ou deslizamentos) registram, cada uma, uma incidência de 7,1%. Adicionalmente, o desemprego estrutural entre os adultos foi identificado em 3,6% das unidades familiares. Tais índices, embora percentualmente minoritários, representam rupturas significativas no direito à cidade e à dignidade humana no contexto local.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta investigação reiteram que a precariedade da mobilidade urbana e as barreiras de acessibilidade no bairro Pedras impactam severamente a qualidade de vida e o exercício do direito à cidade. Evidenciou-se que essa realidade atinge de forma contundente o corpo discente, transformando o trajeto escolar em um percurso de obstáculos que reflete a vulnerabilidade socioespacial da periferia de Fortaleza.

A escassez de infraestrutura básica, materializada na ausência de calçadas regulamentares, na sinalização ineficiente e na irregularidade do transporte público, atua como um vetor de segregação. Tais elementos transcendem a dimensão física, funcionando como barreiras invisíveis que cerceiam o acesso pleno à educação e a direitos fundamentais, aprofundando a exclusão dos sujeitos e convertendo o deslocamento cotidiano em um exercício de resiliência.

Por outro lado, ao protagonizarem o processo investigativo, os estudantes demonstraram uma percepção geográfica aguçada, sendo capazes de diagnosticar gargalos estruturais e propor intervenções urgentes.

Em última análise, conclui-se que a Geografia Escolar, ao integrar metodologias participativas à análise do espaço vivido, transcende o conteúdo formal para promover uma aprendizagem significativa. Essa articulação fortalece o nexo entre escola, território e cidadania, legitimando a reivindicação de políticas públicas que enfrentem as assimetrias socioespaciais e garantam, enfim, a justiça urbana e a inclusão social no bairro Pedras.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A.; LIMA, P. (Org.). **Nossos bairros, nossa Fortaleza: mapeamento estatístico e afetivo da cidade**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2022.
- AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Stratton. 1963.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- CALLAI, H. C.; MORAIS, M. M. Educação geográfica, cidade e cidadania. **Acta Geográfica**, Edição especial, p. 82-100, 2027. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4771>. Acesso em: 09 abr. 2026.
- CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de Geografia na escola**. São Paulo, SP: Papyrus, 2012.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. IPPLAN – **Instituto de Planejamento de Fortaleza. Bairros de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, [ano]. Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/pedras>. Acesso em: 23 out. 2025.
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo. Editora: Hucitec, 1993.
- SANTOS, M. **A urbanização desigual: globalização e urbanização periférica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- SCIFONE, Simone. Direito à cidade e mobilidade urbana. In: ALMEIDA, E. (Org.) **Mobilidade urbana no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. p. 24 - 32.
- SILVA, A.; ROSS, J. L. S. **Amplitude Geografia: 6º ano**. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.
- SOARES, C. **Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2021.
- SPOSITO, M. E. B. **Segregação Socioespacial e Centralidade Urbana**. In: VASCONCELOS, P. de A., CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A Cidade Contemporânea: Segregação Espacial**. São Paulo: Editora: Contexto, 2013. p. 61-69.
- VASCONCELLOS, E. A de. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento – reflexão e propostas**. São Paulo. Editora Annablume, 2000.

VASCONCELLOS, E A de. Mobilidade cotidiana, segregação urbana e exclusão. In: BALBIM, R.; KRAUSE, C.; LINKE, C. C. (Orgs.). **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano**. Brasília: Ipea; ITDP, 2016. p. 57 a 79.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

Histórico do artigo Recebido: fevereiro de 2026. Aceito: março de 2026. Publicado: abril de 2026.
--